

Discurso do Conselheiro Ruy Lins de Albuquerque agradecendo a homenagem recebida no TCE pelos 30 anos de serviços dedicados à Instituição

Expressar com palavras a emoção que vivo neste momento seria tarefa difícil até para o mais eloqüente dos oradores.

Não me eximirei, no entanto, de exprimir tão grandioso sentimento.

As minhas primeiras palavras são de agradecimento aos meus ilustres pares, que por sugestão do nobre colega e amigo Conselheiro Carlos Porto, decidiram render-me tão honrosa homenagem.

Nomeado Conselheiro deste Tribunal, por ato do então Governador Nilo Coelho, fui empossado no cargo há trinta anos, precisamente no dia 24 de março de 1970.

Quando em 1970 ingressei nesta Casa, fui recebido, juntamente com o companheiro Suetone de Alencar Barros, pelos Conselheiros Fábio Corrêa, Orlando Moraes, Guedes Pereira e Sebastião Ignácio de Oliveira Neto, os quais, em conjunto com o Presidente Jarbas Maranhão, cumpunham o Colegiado.

Ao longo desses trinta anos, tive a oportunidade de partilhar com todos aqueles que ajudaram a construir a história deste Tribunal, a exemplo de nossos servidores e colaboradores, a convivência, no Conselho, de pessoas do quilate de Honório Rocha e Antônio Corrêa, empossados em 1982, e do amigo Barreto Guimarães, que ingressou nesta Casa em 1986.

Ainda no mesmo ano de 1986, iniciou-se a formação do Colegiado que hoje compõe esta Corte, com o ingresso do Conselheiro Severino Otávio, seguido pelas nomeações dos Conselheiros Fernando Correia e Adalberto Farias, respectivamente, em 1987 e 1988, do Conselheiro Carlos Porto em 1990, do Conselheiro Roldão Joaquim em 1995, e, mais recentemente, do Conselheiro Romeu da Fonte, o qual tive o prazer de receber quando exercia a Presidência no meu último mandato em 1997.

No decorrer dessas últimas três décadas o mundo sofreu grandes mudanças, nosso País transformações sociais e políticas, refletidas no nosso Estado e, conseqüentemente, absorvidas pelo Tribunal de Contas.

Tive o privilégio de testemunhar essas modificações e, no exercício do Cargo que ocupo há trinta anos,

ajudar a escrever a história deste órgão, acompanhando, com os demais Conselheiros, os avanços ocorridos, procurando sempre responder, dentro de nossas atribuições institucionais, aos anseios da sociedade.

A revolução tecnológica encurtou as distâncias, destruiu os obstáculos, otimizou os serviços e dimensionou o Tribunal de Contas à altura de suas funções, fazendo-o crescer.

Com a inauguração deste edifício-sede e o advento da Lei Orgânica de 1991, passou esta Corte a operar dentro de uma estrutura orgânica mais compatível com suas nobres atribuições.

Presidi esta Casa por seis anos consecutivos, de 1979 a 1984. Quando não mais esperava exercer tão honrosa função, fui, por força do destino e em conseqüência da necessidade de superar dificuldades pessoais em razão de minha saúde, com o apoio dos meus colegas e de minha família, reconduzido ao cargo de Presidente em 1997.

Naquela ocasião, em meu discurso de posse, proferi as seguintes palavras:

“Quando nos deparamos com o lado menos ameno da vida, quando enfrentamos problemas maiores, saímos mais fortalecidos dessa experiência, mais aptos para viver a vida em toda a sua plenitude, aceitando os seus desafios, não simplesmente vivendo, mas exercendo nossa cidadania, assumindo nossa vocação, nossos misteres, nossos amores.

Um dos quais, para mim, é esta casa.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”, diz sabiamente o grande Fernando Pessoa.

Procurei sempre, no exercício da Presidência, e sobretudo no decorrer desta jornada como Conselheiro, contemporizar diante das dificuldades, compor por ocasião das adversidades, conciliar quando houve divergências e, acima de tudo prestigiar incondicionalmente os nossos servidores.

Dos bons momentos vividos neste período, muitas das minhas melhores lembranças estão ligadas aos funcionários do Tribunal. Impossível nominá-los um a um para agradecer a contribuição dada ao longo da existência desta Casa, pelo que o faço em nome da

Associação dos Funcionários, aqui muito bem representada por Joana D'Arc de Oliveira, sua Presidenta.

A efervescência cultural dos anos 70, a reabertura política do País na década de 80 e a explosão da informática na década de 90, foram alguns dos fatos marcantes dos últimos trinta anos.

No entanto, a revolução na área da informação foi aquele que mais transformações trouxe ao homem. Não podemos imaginar o funcionamento de qualquer núcleo de trabalho sem o auxílio de um computador, dos sistemas de informática e dos programas de computação, cada vez mais avançados. Isso tudo sem falar na Rede Mundial de Computadores, a Internet, que conseguiu trazer o mundo para a tela do computador, criando uma rede de comunicação jamais imaginada.

O meu entusiasmo com o avanço tecnológico, no entanto, não é maior do que a admiração que tenho pelas coisas mais singelas, porém não menos grandiosas, como o contato direto com o próximo, o trato

pessoal e mais humano com nossos semelhantes, a troca de sentimentos.

Esta característica trago das minhas origens sertanejas, que também me concedeu na mesma proporção da simplicidade, a força para, em qualquer circunstância, lutar para superar as dificuldades.

O que realmente permaneceu estático nesses trinta anos, foi a minha independência no exercício do cargo, a minha honestidade e o meu compromisso com o Serviço Público.

As minhas últimas palavras serão também de agradecimento.

Jamais teria conseguido transcorrer percurso tão longo sem a ajuda das pessoas que me acompanharam nesta jornada.

Lembrança eterna dos meus pais e irmãos.

À minha mulher, Lourdinha, meus filhos Mônica, Sérgio, Cláudia e Sílvia, pelo apoio e dedicação.

Muito obrigado.